

## **ORAÇÃO DE SALOMÃO**

Magnífica Reitora, Márcia Abraão, em nome de quem cumprimento as autoridades aqui presentes.

Professor José Salomão David Amorim,  
Senhoras e Senhores.

Sempre fui agradecido por existir o Professor Salomão nos meus caminhos, mas, este momento, coroa-me, tão simples coroinha nas proximidades que me couberam junto a este amigo que não se limitou a professar e ensinar, pois se dedicou ao magistério e à gestão educacional como quem exerce um sacerdócio. E tal foi o seu vocacionamento que veio com alguma demora a atribuição dessa estrela que de hora em diante lhe ornará, caríssimo Salomão, o peito e o coração. É pra já, e você será um Emérito professor da UnB. Mas, já não o era?

Ocupar-me-ei, portanto, de umas poucas tautologias, pois considero já bem aclarados os méritos para com o título que ora se lhe concede.

Por que eu, nesta cerimônia, acólito? Com certeza, há uma legião de oradores mais credenciados. Mas, por algum desígnio entrei na escala, missão que recebo como um presente, ser orador numa liturgia tão significativa perante o homenageado e diante de todos os que aqui se encontram.

De início pensei em declinar, por acanhamento e com medo de dar um branco, tanto o que dizer. E como dizer bem, de modo a não diminuir a intensidade do brilho deste laureado? Peço, portanto, aos senhores e senhoras, a compreensão para com as limitações deste orador, pois não irei enumerar as realizações do professor Salomão, o que seria exaustivo; não irei destacar o que teria de estar nas primeiras páginas, nas manchetes, sequer nos pés de páginas desta grande revista da qual se revestiria uma edição escrita ou audiovisual da carreira do professor Salomão. O que me ocorreu foi, como um pintor que faz retratos com traços. Delinearei, portanto, linhas impressionistas. Não uma charge, tampouco uma caricatura, mas um esforço por trazer a vocês algumas características a serem apreciadas, não que vá contar aqui grandes novidades, apenas ressaltar aspectos e cores do perfilado e, aí, sim, por parte de quem esteve observando Salomão desde os tempos em que fui seu aluno e orientando de Graduação. Tive a felicidade de prestar atenção aos passos deste mestre, amigo, pessoa humana e por que não o reconhecer assim também, a pessoa pública e um pouco do quanto ele é família.

Começo, então, por ressaltar que o professor Salomão foi além da sala de aula, pois o seu lado pessoa pública adquiriu uma dimensão nacional e, com certeza, latino-americana, no campo em que tem atuado e que eu resumiria em três palavras-chave: comunicação; democracia; e justiça. Ele tem lá, como cidadão que vota, que é

contribuinte, que paga IPTU, que presta contas, os seus comprovantes, os seus deveres e obrigações. Insisto, no entanto, que ele ultrapassou de longe as suas funções e atribuições primárias como profissional de ensino. Salomão veio de Minas Gerais para Brasília com uma missão política, mas, desde os primórdios dessa tarefa, com um propósito bem claro, de fazer política educacional e não política partidária. E dentro dessa orientação, vislumbrando duas perspectivas: criar na Universidade de Brasília as condições e a ambientação necessárias para um ensino de vanguarda na área de Comunicação e especialmente na subárea do Jornalismo, ambas como parte de uma área maior ainda, a das Ciências Sociais Aplicadas.

É preciso contextualizar, que a vinda deste jornalista, destacado profissional já em meados da década de 1960, era estratégica por si, pela demanda existente, mas difícilíssima, pois as condições encontradas não eram das melhores. Aliás, eram das mais árduas e delicadas, pois teria que cultivar em terra quer fora arrasada. Sabem todos o impacto que significou para a UnB a saída de tantos professores, solidários ao fundador da Faculdade de Comunicação, o jornalista Pompeu de Sousa. O desafio, portanto, era duplo: integrar uma equipe e com ela levar adiante a missão de consolidar cursos e habilitações e contornar as barreiras políticas que se apresentavam, entre elas, a de estar permanentemente sob a suspeição e sob a vigilância de um regime ditatorial, que mantinha sob a mira não somente a UnB, mas, ainda com maior despreço, a Faculdade de Comunicação, logo em seguida rebaixada a departamento.

Temos, portanto, de louvar o denodo de uma equipe de jornalistas que se graduou em Minas, trabalhou em veículos diversos, qualificou-se em nível de pós-graduação e veio para a UnB, como se diz no jargão popular, para não deixar a peteca cair, aquela que Pompeu de Sousa havia deixado no ar, como um ideal que não podia se esborrachar. E falando em ideal, é indispensável contextualizar a gênese dos cursos da Faculdade de Comunicação, que muito deve às condições de sua consolidação, mas, como prometi, prefiro destacar algo preponderante para o sucesso desse projeto, a personalidade de Salomão e a sua imensa inteligência emocional.

Uma narrativa sobre a trajetória de Salomão inflete necessariamente sobre um período que foi crucial para a história da Universidade de Brasília, para a história da Faculdade de Comunicação da UnB e para a consolidação do ensino de Comunicação no Brasil e suas respectivas habilitações. Diria que desde a vinda de Salomão e Marco Antônio Dias para a UnB, em 1966, foram necessários dez anos para que o Departamento de Comunicação atingisse a maioria em seus propósitos originais, consolidasse um corpo docente e um ensino bem qualificados e no meio do caminho ainda desse um passo gigantesco para a época, criar um mestrado em Comunicação e, por fim, na década de 1990, o seu doutorado. Creio que a ninguém ocorrerá negar o quanto foi preponderante a atuação de um compenetrado grupo de jornalistas que veio de Belo Horizonte, e que além dos dois antecessores passou a contar com Luiz Gonzaga Motta, Venício Arthur de Lima e Sérgio Porto. Tratava-se de um grupo que já

somava afinidades desde os tempos de militâncias estudantis derivadas do movimento Ação Católica. Lamentavelmente, alguns outros valores ficaram de fora, não passaram pela peneira da eugenia política dos órgãos de, entre aspas, segurança. Foi o caso de um jornalista que veio de ônibus junto com Luiz Gonzaga para se submeter a uma seleção. Foram aprovados e pegaram outro ônibus, de volta. Lá, ficaram sabendo que esse outro companheiro tinha sido vetado por uma sigla de três letras, o SNI.

Este núcleo docente de reforço, logo tratou de se qualificar em nível de pós-graduação e desenvolver as linhas de pesquisa da faculdade. A Comunicação, que já contava com vários professores de prestígio, entre os quais destacamos os nomes de Vladimir Carvalho, Carlos Chagas, Luiz Humberto, Pedro Jorge e Geraldo Moraes, ampliou ainda mais a sua capacidade com o ingresso do professor Murilo Ramos. Desde então, gerações e gerações de professores se sucederam, muitos dos quais já tendo sido orientandos dos que acabamos de nomear. E entre os méritos de Salomão, um deles foi precisamente a sua capacidade de trabalhar em equipe, estando ele ou não em cargos de chefia.

Jovem formado em Direito e atuando com destaque no Jornalismo, onde ocupou posições importantes no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, e na criação da revista *Veja*, Salomão seria observado por aqueles que se empenhavam em recuperar a UnB das imensas lacunas deixadas pelo êxodo de professores, quando da saída de Pompeu de Sousa. A vinda de Salomão, portanto, contribuiu para o soerguimento do corpo docente da UnB e, mais detidamente, evitando descontinuidades na condução de disciplinas da Comunicação.

A UnB tinha sido torpedeada em seu projeto de universidade vanguardista e a Faculdade de Comunicação havia sido quase abatida em seu projeto de ensino de ponta. Pompeu de Sousa fora não somente o jornalista que revolucionou a estrutura da redação jornalística ao introduzir no Brasil os procedimentos do lead, da pirâmide invertida e entre os dois uma pitada brasileira, o *sublead* contextualizador do impacto dos elementos do fato já estarem presentes na abertura do texto noticioso, mas precisarem de uma respiração imediata, antes dos desdobramentos da emoção no fluxo da narrativa.

Pompeu teve uma passagem pelos Estados Unidos e trouxe para o Brasil dos anos 1960 também as inovações que se apresentavam na circulação rápida e global das notícias mediante o aporte de novas tecnologias de difusão da notícia, por texto, imagem e vídeos. Era necessário, numa nova universidade proporcionar um ensino ritmado no compasso da velocidade e dos novos modelos mercadológicos dos produtos midiáticos.

Salomão havia estado em Brasília em uma rápida passagem, pois ainda não havia se desvinculado de seus compromissos em São Paulo, mas logo em seguida seria tentado por um de seus companheiros de militâncias universitária em Belo Horizonte, o colega Marco Antônio Dias, na UnB a convite do então reitor Caio Benjamim. Há quem diga que a possível longa carreira de jornalista de Salomão tenha sido

prejudicada por esse convite, um convite interessante em desafio, mas, já de início, com perdas salariais. Entretanto, abraçar o magistério como missão estaria no chamado vocacional desse jornalista, marcado desde o seu sobrenome com um chamado. Certamente, não por mera coincidência Amorim significa “aquele que ensina”.

Há mais curiosidades na correlação entre os nomes e os destinos do nosso agora Emérito educador. Dessa combinação sonora do Pai de Jesus com reis bíblicos e um sobrenome arcaico, surgiria uma personalidade dedicada à comunhão das ideias, por profissão; e trazendo de berço uma convergência que certamente o habilitaria como conciliador: uma comunhão afetiva, a descendência de árabes e, quem sabe, judaica. A tez morena será moura; os olhos azuis vêm da avó materna, quem sabe, dos cristãos novos. Negociador, portanto, desde os seus antepassados fenícios, Salomão pertence a uma família dotada de talento para o comércio, por gerações seguidas, mas tendo experimentado os temperos da música e do futebol.

Salomão cresceu acalentado por acordes de violinos, serestas e comidinhas libanesas, nas tertúlias de sua família, em Cláudio, cidade natal, e, posteriormente, nas reuniões domingueiras na casa da sua querida Tia Haifa, em Belo Horizonte. O próprio pai de Salomão era o provedor de saborosos quibes nos intervalos dos recitais que em sua casa se prolongavam até madrugada.

Ao lado dos “comércios”, o futebol é uma outra paixão desses mineiros com nomes de José, Salomão e David. Sim, o nosso Salomão não é o primeiro com esse nome recorrente nessa família que veio, originalmente, da cidade montanhosa de Brumana, a 45 minutos do Aeroporto de Beirute e de onde se descortina uma visão esfuziante do Mediterrâneo. Em Minas, continuaram no comércio. O avô, o Capitão Doginho, tocou os negócios, quando o jeito de fazer isto ainda era em lombo de burro. Desse avô enfatizado, de terno e chapéu coco, o menino Zezé, o terceiro de um time de dez, reclamava da ranzinice. Quando o velho vinha de visita, irritava-se com a algazarra que os meninos faziam em torno de uma sinuquinha. Mais tarde, as disputas se tornaram mais sérias e seriam outras, a do futebol. Torcedores fervorosos, alguns da família se destacariam, a ponto de um parente de Salomão se tornar dirigente do clube de Cláudio; e outro dar nome ao próprio estádio de futebol da cidade. O próprio Salomão jogava bem, mas se destacou foi nos estudos. Na família, ele era o cara reconhecido como “muito inteligente”. Além de tirar as melhores notas e quase monopolizar o primeiro lugar das turmas, ainda dava aulas particulares em várias matérias para quem precisava de reforço.

Paixão mesmo, no entanto, foi por uma estudante que veio aparecer no seu caminho, na Universidade Federal de Minas Gerais. De namoro já encaminhado, estavam numa mesa, durante um bailinho de Carnaval promovido pelo DCE. Detalhe, a mãe da moça os observava, noutra mesa, a uma comedida distância. Segundo detalhe: a cena dos dois pombinhos estava tão comovente que um jovem sociólogo que passava não se conteve e emitiu o seguinte comentário: “Isto está me cheirando a

bebê”. Ora, um sujeito com essa competência profética tinha mesmo de ser, um ano mais tarde, o padrinho de casamento de José Salomão e Sônia Naves. E que honra! Aquele sociólogo bem humorado era nada menos do que o amigo Herbert de Souza, mais conhecido como Betinho, o irmão do Henfil, este último, tempos depois, colega de redação do Salomão jornalista.

Como não referir episódios tão líricos e tão significativos na vida de quem, no seu coroamento acadêmico, irá daqui a pouco estender a mão para receber o título de Professor Emérito? Justamente porque apertando a tecla de retorno desse filmedocumentário vamos conhecer um pouco melhor a arqueologia reveladora deste professor, reconhecido pelos seus conhecimentos e pelas suas competências didáticas, mas também por ser uma “figura humana” de muito agradável convívio e portador de um leque de admiráveis virtudes. Dele se conta, por exemplo, que é uma pessoa com profundo senso de justiça; que é um amigo de extrema lealdade; que é um esposo de amor, carinho e respeito reverenciais; pai afável e cooperativo; avô apaixonado; e mestre generoso, de uma memória gigantesca, a ponto de se encontrar com um antigo aluno e rememorar conversas que tiveram acerca da conjuntura política de um determinado momento de agruras.

Impossível não se referir também a uma das características mais marcantes do homenageado, que é a de não brigar. Teria sido um destacado diplomata não o tivesse convocado desde cedo o Jornalismo. Conversei com algumas pessoas próximas dele sobre essa arte de conviver em paz, mesmo com quem discorda e até fere o seu acentuado senso de justiça. Ao que parece, domina alguns segredos para isto: sabe ouvir; mantém um tom de consideração pelo interlocutor; e quando, de todo, não encontra os pré-requisitos do diálogo, opta pelo silêncio, pede licença e se retira. Pode ser que volte, se souber restaurado o clima propício, algo que pensador Jürgen Habermas denominaria de “as condições ideais de fala”.

Um amigo em comum me contou que Salomão não passa recibo nem nas rivalidades do futebol, mesmo sendo ele um “atleticano” ardoroso. Ao ser cotejado sobre um mal resultado do Atlético face ao arquirrival, o Cruzeiro, saiu-se com esta: “Você viu que partidaço o América fez?”. Esta é a maneira salomônica desse torcedor ainda fiel as transmissões da Rádio Itatiaia de BH. Tão fiel que descobriu uma sintonia por meio de uma operadora de TV por assinatura.

Vou referir agora um reconhecimento unânime dos que conhecem de perto a trajetória de Salomão. Ele manteve ao longo de várias décadas uma presença, uma participação e uma produção intelectual de grande valor para o que veio a ser chamado de “pensamento comunicacional”, tendo sido um dos primeiros autores de textos fundamentais para os cursos de Comunicação que foram criados a partir da década de 1960. Ou seja, ele é um nome muito importante entre os autores que trataram da importância estratégica da Comunicação para o desenvolvimento econômico, humano, cultural e para a democratização política, tendo se esforçado especialmente por difundir no Brasil os textos de autores latino-americanos,

contraponto importantíssimo às tendências norte-americanas e europeias quando estas chegaram perto da hegemonia.

A aposentadoria e a idade não esmaeceram em Salomão a sua capacidade de manter um senso crítico sempre alerta. Em recentes entrevistas, como as que concedeu ao também emérito professor Isaac Roitman e outra ao professor Fernando Paulino, sobre o papel dos meios de comunicação no Brasil, no momento em que o país se prepara para comemorar o bicentenário de sua independência, no contexto de uma série que se intitula “O Brasil que queremos”, Salomão advertiu: a despeito da democratização da comunicação por conta dos grandes avanços tecnológicos, a sociedade brasileira se vê diante de uma nova etapa de convivência com os monopólios, desta vez, gigantes de atuação global, megacorporações com poderes ainda mais hipertrofiados e com capacidade não somente de selecionar conteúdos para serem consumidos por populações de todo o Planeta, mas também para invadir privacidades e armazenar dados de milhões de pessoas, e o que é mais grave, para usos suspeitos.

Esta capacidade crítica de Salomão o mantém ativo nos debates, contribuindo para a compreensão dos avanços e dos percalços envolvendo os meios de comunicação nos novos cenários. Sempre foi assim, com patriotismo e abnegação. Ocorre-me pontuar que fez parte de uma comissão para deliberar sobre o currículo mínimo dos cursos de Comunicação no Brasil, no início dos anos 1970. Importante registrar a sua recente participação no Observatório Político da Comissão Brasileira de Justiça e Paz, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Como veem, não fui muito enumerativo quanto ao currículo do professor Salomão; quantos cursos; quantos cargos; quantos *papers* etc. Sei é do seu desprendimento e do quanto a sua atuação no campo do Jornalismo e da área de Comunicação serviu mais ao interesse público do que a si próprio. Pode ser que tenha prejudicado a si mesmo e a algumas linhas a mais de seu currículo por uma maneira bem peculiar de ser, a de colocar sempre o dever os aspectos institucionais em primeiro plano. E por ser um cavalheiro que sempre cita primeiramente os outros participantes de uma iniciativa, mesmo que ele tenha sido o articulador principal.

Mas, Salomão, esta é a sua história e a sua história é muito bonita. E isto me lembra um verso de um conterrâneo seu, Carlos Drummond de Andrade, no poema “Infância”: “E eu não sabia que a minha história era mais bonita que a de Robinson Crusóé”. Salomão, eu estive observando a sua história e não só concluí que a sua história também é mais bonita do que as melhores histórias dos homens solitários, por ser a sua história uma história de uma pessoa muito solidária. Aliás, Salomão, mais do que um portador de nomes bíblicos, sua vida é uma oração, sua vida é um salmo. Louvado seja.

Luiz Martins da Silva

Brasília, DF, 26 de Março de 2019.